

Da Arte de Visitar: A Experiência do Turismo Cultural como um Encontro com Arquiteturas

Roberto Bartholo¹
Felipe Loureiro²
Gabriel Bursztyn³

Resumo

O artigo parte de uma reflexão de Umberto Eco acerca do turismo contemporâneo para desenvolver uma abordagem teórica que compreende a produção arquitetônica como uma produção de *presença*, concluindo com possíveis desdobramentos desta abordagem para a experiência do turista. Segundo Eco, “agora só se encontra gente que volta sem ter sido tocada nem minimamente pela fascinação do Outro Lugar. Retornam e só pensam nas próximas férias, não falam de nenhuma iluminação transformadora.” (Eco, 2017). Este fenômeno ocorre pois, a partir da visão introduzida por Martin Buber no clássico “Eu e Tu” (1977), o lugar visitado é tratado como um “Isso”, e não como um “Tu”. A objetificação do lugar – seja um edifício, um monumento ou uma cidade – impede a abertura do visitante para experiências transformadoras. Considerando que o ato de construir cria uma presença – a do edifício ou espaço construído – que por sua vez passa a abrigar inúmeras presenças – habitantes, visitantes, etc. -, na visita a um lugar a abertura à transformação depende da abertura ao encontro com estas presenças. Para que ocorra a “iluminação transformadora” citada por Eco, este encontro deve ser similar a um diálogo, uma relação na qual ambas as partes estão abertas ao Outro ao ponto de permitir que este Outro as transforme. A formatação típica do que Pedro Abreu chama de “turismo cultural híper-moderno” (Abreu & Malheiros, 2013) consiste em visitas curtas e aceleradas, nas quais mesmo os menores detalhes são programados antecipadamente. O turista segue um roteiro pré-determinado, sendo poupado do “trabalho” de interagir com as presenças que configuram e habitam o lugar visitado. Neste formato de visitação, é pouco provável que ocorra o tipo de encontro necessário para que haja alguma transformação significativa no Eu. Assim, a experiência do turismo fica limitada à dimensão do entretenimento – uma suspensão temporária da rotina cotidiana, uma distração. A proposta que conclui o artigo parte da ideia de que, mesmo no contexto do turismo cultural híper-moderno, a experiência do turismo ainda pode ser tão transformadora quanto a experiência de uma obra de arte – basta que se preserve a possibilidade de que ocorram encontros entre um “Eu” e um “Tu”.

Palavras-chave: turismo; arquitetura; presença; entretenimento; arte.

¹ Roberto dos Santos Bartholo Junior: Professor titular da área de concentração em gestão e inovação do Programa de Engenharia de Produção da COPPE/Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS/COPPE/UFRJ). COPPE/UFRJ. <http://lattes.cnpq.br/8226406163217491>. bartholo.roberto@gmail.com.

² Felipe Guimarães de Souza Fernandes Loureiro: Mestre em Engenharia de Produção pela Coppe/UFRJ (2016), atualmente cursando o Doutorado em Engenharia de Produção pela Coppe/UFRJ. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UFRJ (2003-2008). Bolsista de Doutorado do CNPq – PEP/COPPE/UFRJ. <http://lattes.cnpq.br/8506123867744407>. loureiro.fgsf@gmail.com.

³ Gabriel Almeida Bursztyn: Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Brasília (2008), mestre em Ciências Humanas e Sociais pela Université de Paris 3 - Sorbonne Nouvelle (2010) e doutor em Ciências da Informação e da Comunicação pela Université de Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis (2016). CITU (Cybermídia, Interaction, Transdisciplinarité, Ubiquité) da Université de Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis, LTDS/COPPE/UFRJ, PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea) Letras/UFRJ. <http://lattes.cnpq.br/1753294234098380>. gbursztyn@gmail.com.